

# Erotismo, morte e fusão em Bataille

José Martins Canelas Neto\*

A Revista *ide* dedica este número ao tema do erotismo, incluindo, entre outros, o consagrado escritor e pensador francês Georges Bataille, por ser ele uma importante referência no tema. Meu intuito é desenvolver algumas reflexões suscitadas em mim, como psicanalista, a partir de um contato parcial, porém intenso, com a obra de Bataille, sobretudo com seu livro *O erotismo*, publicado em 1957.

Começamos com alguns marcos biográficos do período da vida de Bataille que antecede seu encontro com a psicanálise. Num segundo momento, levanto uma discussão sobre o interesse a respeito das idéias desse autor na psicanálise contemporânea.

Georges Bataille nasceu em 1897, na região do Puy-de-Dôme (maciço central francês). No momento de seu nascimento, seu pai era sífilítico e estava cego. Quando tinha três anos, seu pai sofreu de uma Paralisia Geral; o menininho via um pai muito degradado e sofrido. Durante a infância, Bataille foi muito briguento na escola, e seus resultados escolares são descritos como medíocres (Galletti, 2004, pp. XCIII-XCIV). Entre 1912 e 1913, então com quinze anos, meses antes de uma severa crise de loucura do pai, anuncia ter desistido de prosseguir seus estudos no Liceu de Reims e se fecha em grande solidão. Em janeiro do ano seguinte, decide sair de casa, indo estudar num colégio interno em outra cidade. Lá conhece Paul Leclerc, cristão fervoroso que o aproxima da religião católica (Galletti, 2004, pp. XCIV-XCV).

Em 1914, com o início da primeira guerra, Bataille deixa Reims e interrompe os estudos e, acompanhado por sua mãe, vai morar com os avós maternos. O pai fica sob os cuidados de uma empregada doméstica. Os alemães invadem e bombardeiam Reims, e o jovem Georges quer voltar para sua cidade. Diante dessa perspectiva, sua mãe teria atravessado um episódio de loucura, tendo sido mesmo internada por causa de um estado melancólico maníaco-depressivo (Galletti, 2004, pp. XCIV-XCV). Alguns meses depois, após a recuperação da mãe, seu pai morre, o que faz com que retornem a Reims para assistir ao funeral.

De janeiro de 1916 a janeiro de 1917 ele é convoca-

do para o serviço militar e mobilizado para o front. Durante esse período, desenvolve uma pleurisia e é reformado em 1917. Retorna então à cidade dos avós maternos, onde termina seus estudos e presta o “baccalauréat”. Nessa época, leva uma vida “de santo, impondo-se uma disciplina de trabalho e de meditação” (Galletti, 2004, p. XCV). Chega a fazer uma tentativa de se formar padre num seminário, mas no final de 1917 declara ter sofrido uma recaída e voltado às antigas fraquezas: “O pecado da carne, sua mania de escrever e um persistente devaneio amoroso sobre uma mulher” (Galletti, 2004, p. XCVI). No final de 1918, após ter desistido da carreira eclesástica, vai para Paris residir com a mãe. Faz estudos superiores na Escola de “Chartes”, uma escola preparatória para arquivistas especialistas em documentos antigos. Entre 1919 e 1922, encontra novos amigos e entra em contato com Bergson, Nietzsche e o movimento surrealista. Sua tese — *A Ordem de Cavalaria. Contos em versos do século XIII* — é defendida em 1922. Um pouco depois é nomeado arquivista-paleógrafo da Biblioteca Nacional de Paris.

Em 1923, toma conhecimento da obra de Freud, por meio da leitura das *Conferências de introdução à psicanálise*. Nessa época, Bataille tem a oportunidade de encontrar o filósofo russo Leon Chestov, que o introduz à leitura de Nietzsche, Kierkegaard, Platão, Dostoievski e Pascal.

Em 1924 conhece Michel Leiris, com o qual “projeta a criação de um movimento literário — ‘Sim’ — oposto ao negativismo pueril do dadaísmo, e de uma revista cuja sede seria um bordel” (Galletti, 2004, p. XCIX). A partir daí, Bataille vai encontrar inúmeras pessoas importantes da vanguarda cultural parisiense: André Masson, Alberto Giacometti, Antonin Artaud, Juan Miró, Jacques Prévert, Raymond Queneau, Yves Tanguy etc.

Leiris se junta ao grupo surrealista, mas Bataille se esconde e se sente excluído. Em 1925, é apresentado por Leiris a André Breton, que “experimenta por ele uma aversão imediata” (Galletti, 2004, p. C). Em novembro do mesmo ano, sofre dois fracassos sucessivos ao não conseguir aceitação para a publicação de dois textos de

\* Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

sua autoria. Logo após, escreve um virulento romance, *W.-C.*, do qual somente restou uma parte, publicada em 1945.

No texto “Coincidências”, no final da *História do olho*, Bataille mostra como há um substrato autobiográfico no seu texto. Apesar do aspecto degradado do pai, e talvez por isso mesmo, é a figura da mãe que recebe um destaque maior. Como diz Louette (2004, p. LXVIII):<sup>1</sup>

O grito do pai lançado para um doutor (“Doutor, avise quando acabar de foder minha mulher”) revelaria o caráter desejável da mãe: todas as ficções do filho, aliás escritas muito tempo sob a instigação de um outro doutor (seu analista Adrien Borel), serão assombradas por essa figura da mãe desejável, até esse ponto crucial que é o romance *Minha mãe*.

Por intermédio da indicação de um de seus amigos, o dr. Dausse, o qual estava preocupado com a violência de seus escritos e de suas obsessões sexuais, começou sua análise com Adrien Borel, membro fundador da Sociedade Psicanalítica de Paris. Essa análise parece ter sido decisiva para Bataille.

Sobre seu analista, diz Roudinesco (1986, pp. 358-359):

O homem é um dos fundadores da SPP e da revista *L'Évolution Psychiatrique*. Ele usa de maneira bastante livre as regras freudianas e ironiza freqüentemente os analistas “double crème”, isto é, aqueles que crêem que arrumam tudo pelo divã. Psiquiatra e clínico clássico, ele redige alguns artigos, mas não tem obra escrita, como seu amigo Henri Codet. Analisado por Loewenstein e especialista em toxicomania, exerce em consultório particular e no ambulatório do Hospital Sainte-Anne. Nessa época, é analista de vários escritores com os quais estabelece relações amigáveis. Pertence à fração minoritária da SPP que se mostra hostil ao dogmatismo freudiano (...) A análise de Bataille por Borel tem um resultado decisivo sobre o escritor e, segundo os dizeres deste último, coloca um fim aos azares e fracassos com os quais se bate, mas não a um estado de violência intelectual que perdurará por toda sua vida.

Ainda sobre a importância da análise na vida de Bataille, podemos citar o que ele confidenciou à Madeline Chapsal, citado por Eliane Robert Moraes (2003, pp. 8-9):

Fiz uma psicanálise que talvez não tenha sido muito ortodoxa, porque só durou um ano. É um pouco breve, mas afinal transformou-me do ser completamente doentio que era em alguém relativamente viável. (...) O primeiro livro que escrevi, só pude escrevê-lo depois da psicanálise, sim, ao sair dela. E julgo poder dizer que só liberto dessa maneira pude começar a escrever.

Seu analista entrega-lhe um dia um clichê com uma das fotos do suplício chinês dos *Cem dias*, a qual teve grande *impacto emocional* sobre Bataille. Assim ele se exprime sobre esse impacto: “O mundo ligado à imagem aberta do supliciado fotografado, no momento mesmo do suplício, por várias vezes, em Pequim, é, no meu conhecimento, o mais angustiante daqueles que nos são acessíveis por imagens que a luz fixou”. Mais à frente: “Essa foto teve um papel decisivo em minha vida. Nunca parei de ficar obcecado por essa imagem da dor, ao mesmo tempo, extática e intolerável”. E falando acerca da violência daquela imagem e do que ela desencadeou nele (Bataille, 1961, p. 121):

Bem mais tarde, em 1938, um amigo me iniciou na prática da ioga. Foi então que discerni, na violência dessa imagem, um valor infinito de desmoronamento (colapso). A partir da violência — não posso, ainda hoje, encontrar uma outra mais louca, mais horrível — eu fiquei tão arrasado que ascendi ao êxtase.

(Neste ponto, remeto o leitor ao belíssimo texto de Contador Borges que está publicado neste número.)

Adentremos agora as *idéias* de Bataille sobre o *erotismo*, sobretudo em dois de seus ensaios: *O erotismo* (Bataille, 2004b) e *Les larmes d'Éros — As lágrimas de Eros* (Bataille, 1961).

Tentarei sustentar a hipótese de que Bataille tem uma importância capital para nós psicanalistas contemporâneos, uma vez que nos introduz no universo fusional da relação com o outro, daquilo a que Green chamou de a “loucura materna” (Green, 1990). A relação que Bataille faz entre o erotismo e a morte poderia ser entendida como uma relação entre o erotismo e o mundo fusional incestuoso da relação com a mãe. Desse modo, a morte da qual Bataille fala seria uma das metáforas da imagem da mãe no decurso da vida, assim como Freud sublinha no texto *O tema dos três escrínios* (Freud, 1913): a mãe, ela mesma, a amante que o homem escolhe à imagem desta última, e a terra-mãe, isto é, a morte, que o “acolhe de novo em seu seio” (Freud, 1913, p. 81).

1 A tradução dos trechos aqui citados é de minha autoria. (N. A.)

Nestes termos Bataille fala dessa relação entre erotismo e fusão: “O sentido último do erotismo é a fusão, a supressão do limite. Apesar disso, em seu primeiro movimento, o erotismo é significado pela posição de um *objeto do desejo*” (Bataille, 1957, p. 143). O “objeto erótico” apresenta o paradoxo de ser “um objeto significativo da negação dos limites de todo objeto” (Bataille, 1957, p. 144). Penso que são idéias interessantes para nós analisistas por falarem de algo que encontramos na clínica atual, como a problemática dos limites no trabalho com pacientes *borderlines* e com grave patologia narcísica.

Em *As lágrimas de Eros*, Bataille diz: “(...) eu encontro, no ponto mais profundo da caverna de Lascaux, o tema do pecado original, o tema da lenda bíblica! A morte ligada ao pecado, ligada à exaltação sexual, ao erotismo!” (1961, p. 63). Num dos poços mais profundos da caverna de Lascaux, um espaço não ocupável naturalmente, pois é provável que os homens do Paleolítico, que ali habitaram cerca de 15 mil anos atrás, tinham que descer com cordas para atingir tal ponto. Nesse sítio, o mais profundo — o mais primitivo, se quisermos —, que cena está representada, pintada nas paredes?

Assim a descreve Bataille (1961, p. 77):

Um homem, ao que parece morto, está estendido, abatido diante de um pesado animal imóvel, ameaçador. Este animal é um bisão — e a ameaça que dele emana se torna mais pesada por ele estar agonizante: ele está ferido e de seu ventre aberto saem suas entranhas. Aparentemente é este homem deitado que golpeou com sua lança o animal que está morrendo. Mas o homem não é bem um homem, sua cabeça, a de um pássaro, termina por um bico. Nada nesse conjunto justifica o fato paradoxal de que o homem tenha seu sexo em ereção. A cena tem um caráter erótico devido a esse fato, esse caráter é evidente, claramente sublinhado, mas inexplicável.

O autor afirma então um acordo essencial e paradoxal entre o erotismo e a morte. Como humanos, conhecemos e vivemos na sombria perspectiva da morte e por isso conhecemos “a violência exasperada, a violência desesperada do erotismo” (Bataille, 1961, p. 62). Crê-se que o hábito de enterrar os mortos remonte há 40 mil anos — o homem de Neandertal já tinha consciência da própria morte. Mas Bataille introduz a idéia de que a passagem da atividade sexual instintiva ao erotismo só se teria feito a partir do *Homo sapiens*, do Paleolítico superior, com o qual ocorre concomitantemente o nascimento da arte.

O trabalho, de um extremo a outro da história, caracteriza o ser humano. “Foi o trabalho que desli-

gou o homem da animalidade inicial. Foi pelo trabalho que o homem se tornou humano. O trabalho foi antes de tudo o fundamento do conhecimento e da razão” (Bataille, 1961, p. 69). A fabricação dos instrumentos, das ferramentas e armas pré-históricas é testemunha disso. No entanto, com o trabalho, os homens se afastaram da animalidade, sobretudo na sexualidade. Com o trabalho, tomou-se consciência do fim que deve ser perseguido. Ora, a atividade sexual para os primeiros homens não teria conscientemente a finalidade de procriação, mas somente de busca de prazer imediato. Essa busca é que vai dar origem ao erotismo (Bataille, 1961, pp. 70-71):

Humanamente, a conjunção dos amantes ou dos esposos só tinha de início um sentido, o do desejo erótico: o erotismo difere da impulsão sexual animal por ser, em princípio, do mesmo modo que o trabalho, a busca consciente do fim que é a volúpia. Este fim não é, como o do trabalho, o desejo de uma aquisição, um crescimento... Se o resultado do erotismo é encarado na perspectiva do desejo, independentemente do nascimento possível de uma criança, ele é uma perda, à qual responde bem a expressão paradoxalmente válida de “pequena morte”.

Em seu livro *O erotismo*, Bataille inicia assim sua introdução: “Do erotismo, é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte” (2004a, p. 19). Logo em seguida, ele afirma que essa idéia não é uma definição do erotismo, mas que vê nela, mais do que em outras, o “sentido” do erotismo. E, citando Sade, introduz a noção de violência, de excesso do gozo: “O segredo é infelizmente muito indubitável, não há um libertino um pouco ancorado no vício que não sabe o quanto a morte impera sobre os sentidos” (Bataille, 2004a, p. 20). O marquês de Sade pensa que no assassinato há o máximo de excitação erótica. Apesar de podermos falar que essa visão do erotismo seria anormal, no sentido de patológica, a verdade é, segundo Bataille, que “a visão ou [a] imaginação do assassinato podem desencadear, pelo menos em doentes, o desejo do gozo sexual” (Bataille, 1957, p. 18).

Revela-se, nesse paradoxo de Sade, uma verdade que, para Bataille, é a base de nossas representações da vida e da morte e que nos obriga a pensar o ser como possuidor dessa verdade em si-mesmo. O ser nos é dado no movimento das paixões, diz Bataille. Para relacionar a morte e o erotismo, ele vai introduzir a dialética da continuidade/descontinuidade do ser. Vemos aqui em que medida, por meio da idéia do ser como excesso, se coloca a questão da constituição dos limites (dentro/fora, eu/outro).

A apreensão do outro coloca nosso ser diante de um abismo, uma descontinuidade radical. Para Bataille (2004a, p. 22),

Esse abismo se situa, por exemplo, entre vocês que me escutam e eu que lhes falo. Tentamos nos comunicar, mas nenhuma comunicação entre nós poderá suprimir uma diferença primeira. Se vocês morrerem, não sou eu quem morro. Somos, você e eu, seres descontínuos.

Esse abismo pode nos fascinar; ele é como a morte, e a morte é fascinante. Mas fascinante por quê? Por nos fazer vislumbrar o reencontro da continuidade, que relaciono, do ponto de vista psicanalítico, com a experiência da fusão com o objeto primário. Ora, diz-nos Bataille (2004a, pp. 28-29):

Toda atividade do erotismo tem por fim atingir o ser no mais íntimo, no ponto onde ficamos sem forças. A passagem do estado normal ao desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua. Esse termo de dissolução corresponde à expressão familiar de vida dissoluta, ligada à atividade erótica. No movimento da dissolução dos seres, o parceiro masculino tem, em princípio, um papel ativo; a parte feminina é passiva. É, essencialmente, a parte feminina que é desagregada como ser constituído. Mas, para um parceiro masculino, a dissolução da parte passiva só tem um sentido: ela prepara uma fusão na qual se misturam dois seres que, no fim, chegam juntos ao mesmo ponto de dissolução. Toda realização erótica tem por princípio uma destruição da estrutura do ser fechado que, no estado normal, é um parceiro de jogo.

Na fúria da paixão amorosa o que está em jogo na posse do ser desejado é “o sentimento de uma continuidade possível percebida no ser amado” (Bataille, 2004a, p. 33). Segundo Bataille (2004a, p. 34):

Se a união de dois amantes é o efeito da paixão, ela faz apelo à morte, ao desejo de matar ou de suicídio. A paixão é designada por um halo de morte. (...) É somente na violação — à altura da morte — do isolamento individual que aparece essa imagem do ser amado que tem para o amante o sentido de tudo o que é. Para o amante, o ser amado é a transparência do mundo. O que transparece no ser amado é sobre o que falarei em breve a propósito do erotismo divino ou sagrado. É o ser pleno, ilimitado, que a descontinuidade pessoal não limita mais. É, em uma palavra, a continuidade do ser percebida como uma libertação a partir do ser do amante.

Isto é, trata-se aqui do que chamei acima de reencontro do objeto primário.

Na visão de Bataille, há uma prevalência do *excesso* sobre o ser. Como mostra Françoise Coblence (Coblence, 1991, pp. 157-163), podemos ler a idéia de excesso de de um ponto de vista econômico:

Aos olhos de Bataille, a sexualidade, as festas, as guerras, a arte, a frivolidade, são todas testemunhas da prevalência do excesso sobre o ser. Um “a mais” econômico, o excesso é produzido para ser gasto; o gastar é impositivo e imperativo, parte do desejo, parte maldita, não somente necessidade econômica, descongestão, exsudação, descarga-recarga da excitação, mas *lei moral*: no sacrifício, a vítima é abandonada à violência, mas a comunidade fica preservada da ruína.

Como resume Bataille: “A consumação é a via por onde comunicam seres separados” (1971, p. 103).

O excesso é definido como “tudo o que é mais do que aquilo que é”, não podendo ser *delimitado, isolado, positivado*. Assim, utilizando-se da idéia de Sade do “ser soberano”, Bataille introduz a concepção de que o excesso é o princípio e o fundamento do ser (2004b). A experiência do excesso “não é uma experiência que fazemos, mas sim uma experiência que nos faz ser” (Coblence, 1991, p. 158). Para Bataille, a morte e o sentimento de morte são vividos nos momentos mais intoleráveis, momentos de plenitude e de horror. Nelles, o ser só está ali por excesso. A questão vai ainda mais longe para Bataille, ela se estende sobre o pensamento: “O que significa a verdade (...) se nós não pensarmos o que excede a possibilidade de pensar?” (2004b, p. 320).

Poderíamos aproximar essa idéia do excesso, como condição do pensamento, da noção de André Green de Trabalho do Negativo, como faz Coblence (1991, p. 158), num vértice hegeliano. Afinal, Bataille coloca no início do prefácio do romance “Madame Edwarda” a citação de Hegel: “A morte é o que há de mais terrível e manter a obra da morte é o que exige a maior força” (2004b, p. 317).

Dessa maneira, por meio do que é revelado do ser na paixão amorosa, o erotismo se situa para Bataille dentro do que ele chama de “experiência interior”. Para nós, psicanalistas, talvez essa noção possa ser compreendida como a vivência da existência da realidade psíquica, do mundo interno. No entanto, como mostra bem Coblence, a experiência interior de Bataille é totalmente indissociável da experiência da relação a um exterior incomensurável, de uma “exterioridade impossível de alcançar, do *ser fora de si*” (Coblence, 1991, p. 160).

Para que a experiência interior que leva ao conhecimento do erotismo se concretize, é preciso haver uma experiência pessoal do interdito e da transgressão. Esta última não é um elemento “natural” ao qual se oporia o interdito. Mas, ao contrário, para Bataille, é a transgressão que suspende o interdito, sem suprimi-lo. A referência que se faz aqui é ao caráter hegeliano dessa operação: superar, mantendo.

“O objeto fundamental dos interditos é a violência” (Bataille, 1957, p. 48). Os dois interditos iniciais, para Bataille, se relacionam, primeiramente à morte e, em segundo lugar, à sexualidade. Há para ele uma afinidade profunda entre morte e sexualidade (Bataille, 1957, p. 48). O horror do cadáver seria devido ao fato de ele ser sempre interpretado como sinal de violência: “Aos olhos dos homens arcaicos, a violência é sempre a causa da morte, podendo ela agir por efeito mágico, mas há sempre um responsável, há sempre assassinato” (Bataille, 1957, p. 54).

No caso da sexualidade, ela também é violenta, quando vista em oposição ao trabalho, pois pode, quando há impulsão imediata, transtornar o trabalho. “Desde a origem a atividade sexual teve que receber um limite ao qual devemos dar o nome de interdito” (Bataille, 1957, p. 57). As restrições são diversas segundo as regiões e as culturas, mas sempre existem. Um exemplo que Bataille explorou foi o da nudez, que se tornou objeto de interdição nas civilizações ocidentais.

Na gruta de Lascaux, na aurora da humanidade, com suas pinturas, esses primeiros homens revelam-nos sua descoberta da finitude e de um mundo regido por interditos. Com o nascimento da arte, em Lascaux, “na penumbra da gruta, o autor excedia o que existia até então, criando o que não era no momento anterior” (Bataille, 1955, p. 38).

Lacan conviveu com Bataille e foi influenciado por seu pensamento. No seu seminário *As formações do inconsciente* (1957-8), Lacan discorre sobre a questão de uma problemática da dialética do desejo e da pulsão, a qual também vai dar conta, como mostra Lemoine-Luccioni, da dialética entre amor e erotismo (Lemoine-Luccioni, 1999, pp. 63-8). O regime pulsional ultrapassa, no erotismo, o regime do desejo. Bataille explorou a deriva pulsional em *História do olho*. Na cena da enucleação do olho, de acordo com Lemoine-Luccioni, aquele que é excluído é o sujeito. No excesso, relatado nesse romance, estamos na deriva pulsional, onde toda parte do corpo é o corpo, onde há uma explosão dos limites, chegando até a loucura assassina, necessária para dar sentido a essa explosão. Toda obra literária de Bataille se caracteriza por trabalhar mais com as intensidades do que com a narrativa, mais com a força do que com a forma.

Mas, para Lacan, o “mais-de-gozar”, inspirado na “mais-valia” de Marx, é diferente do excesso de Bataille (Lemoine-Luccioni, 1999, p. 64). Lacan cria a idéia da Lei, a qual, para ele, precede o gozo (Lemoine-Luccioni, 1999, p. 67):

À transgressão e ao excesso que encontram saída na morte liberadora, onde o ser encontra sua continuidade e sua imortalidade, Lacan opõe a lei que engendra o desejo, assim como Freud, que coloca a anterioridade do interdito do incesto. No romance *Minha mãe*, Bataille faz o gozo nascer da violação do interdito do incesto, essa mãe tornando-se fora da Lei, nem um nome tendo. O filho, Pierre, só vai realmente gozar no momento em que a mãe está morrendo, fazendo da morte o limite que permite transgredir o incesto. Já para Lacan, é “a libido que contém seu próprio sistema de regulação”, (...) “o amor retoma seus direitos sobre a vida, pois ele é a vida”. Mas o processo é evanescente e não acaba nunca: “O Outro é barrado. É o limite impossível de transgredir em razão da lei da castração simbólica. Nós não somos deuses e não conhecemos um gozo ilimitado”. Há uma sabedoria lacaniana, feita de dialética; ela é apropriada a conjurar a loucura mortal do erotismo batalliano.

Mas o gênio de Bataille no fundo não esqueceu que é a angústia que constitui a humanidade, como angústia superada:

A vida é, em sua essência, um excesso, ela é a prodigalidade da vida. Sem limites, ela esgota suas forças e seus recursos; sem limite, ela aniquila o que ela criou. A multidão dos seres vivos é passiva nesse movimento. No extremo, contudo, nós queremos resolutamente o que coloca nossa vida em perigo (Bataille, 1957, p. 96).

## Referências

- Bataille, G. (1955). *Lascaux*. Paris: Skira.
- Bataille, G. (1957). *L'érotisme*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bataille, G. (1961). *Les larmes d'Eros*. Paris: Jean Jacques Pauvert.
- Bataille, G. (1971). *La part maudite*. Paris: Seuil.
- Bataille, G. (2004a). *O erotismo*. São Paulo: Arx.
- Bataille, G. (2004b). Madame Ewarda. In G. Bataille. *Romans et récits* (pp. 323-348). Paris: Gallimard.
- Coblence, F. (1991). L'être hors de soi. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 43, 149-163.
- Galletti, M. (2004). Chronologie. In: G. Bataille. *Romans et récits* (pp. XCIII-CXLII). Paris: Gallimard.

- Green, A. (1990). Passions et destins des passions. In A. Green. *La folie privée* (pp. 141-194). Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1913). Le motif du choix des coffrets. In S. Freud. *L'inquiétante étrangeté et autres essais*, (pp. 61-81). Paris: Gallimard, 1985.
- Lemoine-Luccioni, E. (1999). L'invention de l'érotisme. *L'évolution Psychiatrique*, 64 (1), 61-68.
- Louette, J-F. (2004). Introduction. In G. Bataille. *Romans et récits* (pp. XLV-XCI). Paris, Gallimard.
- Moraes, E. R. (2003). Um olho sem rosto. In G. Bataille. *História do olho* (pp.5-18). São Paulo: Cosac & Naify.
- Roudinesco, E. (1986). *La bataille de cent ans: Histoire de la psychanalyse en France* (Vol. 1). Paris: Seuil.

## Resumo

Este trabalho faz uma leitura das idéias de Georges Bataille sobre o erotismo, relacionando-o à busca da fusão com o objeto primário, característica da dissolução dos limites, que é comum na cultura e na clínica psicanalítica atual.

## Palavras-chave

Erotismo. Fusão. Morte. Violência.

## Summary

### **Eroticism, death and fusion in Bataille's thought**

This paper is about Georges Bataille's ideas. It is focused in his thoughts about eroticism: relating eroticism to fusion with a primary object. The issue of fusion is common at clinical practice.

## Key words

Eroticism. Fusion. Death. Violence.

---

José Martins Canelas Neto  
Rua Baltazar da Veiga, 24 — Vila Nova Conceição  
04510-000 — São Paulo — SP  
Tel. 11 3842-4769  
josecanelas@uol.com.br